
UMA ANÁLISE DA IDENTIDADE NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Beatriz Rebouças Reis¹

Amanda Isadora da Silva Lima²

Antônia Maira Emelly Cabral da SilvaVieira³

Resumo

Esse estudo traz reflexões acerca da construção da identidade negra, na Educação Infantil. Com esse artigo buscamos conhecer as percepções das crianças dessa etapa de ensino sobre a identidade negra. A investigação se desenvolveu com cunho qualitativo e bibliográfico. Nesse sentido, as discussões em tela se baseiam principalmente nas ideias de Kramer (2013) que busca reforçar os aspectos constitutivos das concepções de identidade, enfatizando as representações sociais que as crianças incorporam nos espaços coletivos. Com esses pressupostos, a pesquisa baseou-se no “Teste da Boneca”, desenvolvido pelo psicólogo norte americano Kenneth Clark, em 1939, com o objetivo de identificar a assimilação do negro pelos negros dos Estados Unidos, frente à segregação racial das escolas. Como resultados foi possível conhecer qual a percepção das crianças sobre etnia/raça/cor. Dessa maneira, podemos inferir que em vistas da construção da identidade negra, haverá um confronto em algum momento do seu percurso.

Palavras-chave: Afrodescendência. Educação Infantil. Representações.

Abstract

This study reflects on the construction of black identity in Early Childhood Education. With this article we seek to know the perceptions of the children of this stage of teaching about the black identity. The research was developed with a qualitative and bibliographical character. In this sense, the discussions on screen are based mainly on the ideas of Lima (2012) that seeks to reinforce the constitutive aspects of the conceptions of identity, emphasizing the social representations that the children incorporate in the collective spaces. With these assumptions, the research was based on the "Doll Test", developed by the North American psychologist Kenneth Clark, in 1939, with the objective of identifying the assimilation of the black by the blacks of the United States, against the racial segregation of the schools. As a result it was possible to know the children's perception of ethnicity / race / color. In this way, we can infer that in view of the construction of the black identity, there will be a confrontation at some point in its course.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Bolsista do Cnpq do Programa de Iniciação a Docência – PIBID. Email: beatrizreboucasreis@hotmail.com

² Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Estagiária da Prefeitura Municipal de Mossoró – RN. Email: amandaisadora94@gmail.com

³ Professora na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) Mestre em Educação (UFRN). E-mail: mairaemellyc@gmail.com

Keywords: Afrodescendence. Child education. Representations.

1. Introdução

O presente estudo traz um breve histórico sobre a construção da identidade negra na Educação Infantil, numa perspectiva histórica e política. Nesse viés, a “cultura” de não-valorização do negro cresce e aponta para a primeira infância, como lugar propício para desenvolver um trabalho de valorização da raça e quebra de preconceitos.

O racismo trouxe para a população negra uma invisibilidade e a colocou à margem da sociedade, contribuindo para o desenvolvimento de um sentimento de inferioridade em relação às demais etnias. O que se confirma é que tudo isso influencia diretamente na formação da identidade desses sujeitos, tendo em vista, a forma como provocada toda essa representação e de como o racismo afeta esses sujeitos logo na primeira infância.

Com esses pressupostos, o artigo em tela propõe algumas questões quando se pensa no papel das práticas escolares no processo de formação da identidade negra na educação infantil. Como objetivo geral buscamos conhecer as percepções das crianças dessa etapa de ensino sobre a identidade negra. Desse modo, pretendemos apresentar a importância dos pais e professores para formação de conceitos e representações, através da mediação dos conhecimentos inerentes as semelhanças e virtudes da cultura negra na sociedade brasileira. A pesquisa pode possibilitar, ainda, refletir sobre a importância da escola na construção dessa identidade.

2. Referencial Teórico

Nesse sentido, as discussões em tela se baseiam principalmente nas ideias de Kramer (2013) que busca reforçar os aspectos constitutivos das concepções de identidade, enfatizando a importância da participação em espaços coletivos, para construir as representações sociais sobre a identidade negra. Esses ambientes coletivos ganham ênfase na obra de Silva (2008), ao retratar que a criança na escola encontra um maior aproveitamento e delineamento na construção da sua identidade, por ocasião da infância e idade, por meio do convívio com os colegas e das atividades realizadas em sala de aula.

A construção da identidade negra encontra na infância uma fase de grande aproveitamento, pois, essa etapa da vida é um momento em que as crianças estão mais suscetíveis à aprendizagem, visto que começam a se reconhecer enquanto ser humano e

enxergar o outro como ponto de referência. (SOARES, 2008).

Desse modo, a identidade que é múltipla vai formando-se nesse processo em meio à família e escola, adquirindo várias facetas de acordo com as situações que são proporcionadas a essa criança. Dessa maneira, as referências que ela procura, precisa apontar para um ideal, de bondade, felicidade e que facilita a identificação da criança. A identidade então, possui uma forma coletiva pois, a criança busca referências nos adultos que os cerca.

Ambos são quem são, porque suas histórias fazem parte de coletivos históricos que dão significado a esse ser individual. Coletivos significados socialmente, pelo que significou ser holandês e ser africano na história brasileira e sergipana, pois, como diz Meneses (1992, p. 183): “A identidade é sempre socialmente atribuída, socialmente mantida e também só se transforma socialmente (KRAMER, (2013) p. 142).

Ou seja, as identidades são construídas no coletivo e são repletas de significado e história. Sendo assim, a história que vincula do negro e que está impregnada na sociedade de classes no Brasil mostra uma representação sem equidade que desmerece e rebaixa a raça. Isso porque, a apresentação do negro foi sedimentada em um passado que refletia a depreciação da cultura negra em detrimento da portuguesa.

Em consonância com essa visão, a figura do negro ainda permanece omitida. Por conta do que se construiu sobre ele no passado e suas consequências no presente. Podemos perceber a exclusão do negro na sociedade ao assistir novelas, filmes e séries que vincula ao “branco” papéis importantes, principais. E ao negro papéis que fazem referência a pobreza, deslealdade em sua grande maioria. Os setores econômicos do Brasil refletem aos brasileiros modos de viver “americano” ou “exteriores”, valorizando-os na moda, alimentação, aparência e propaganda, onde revela uma política do “branqueamento”, como aborda Silva (1987) ao realizar pesquisas com o livro didático.

Logo, a conjuntura em que o negro encontra-se alerta para uma problematização dessas ações que circulam em torno da criança, escola e a construção da identidade negra. Como a criança se identificará com o negro se só conhece um lado avesso de sua história? Como assumirá uma cor que não estar nos ideais de beleza disseminados nas mídias sociais infantis? E o cabelo? São questões que precisam ser ressignificadas para alcançar uma efetiva identificação. A vista disso, “Fica destacada a importância não só da positivação do “eu” para a auto-estima e o desenvolvimento, como também da explicitação do “nós”, valendo-se dos referenciais ancestrais positivos nos diversos âmbitos onde essa participação tem sido

ocultada”(Kramer (2013) p. 143).

Particularizando os impasses da construção da identidade negra na escola, os professores, ambiente e materiais pedagógicos podem ou não inferir nessa construção. Como abordado anteriormente, a desvalorização do negro acontece de várias formas na sociedade, acarretando um obstáculo para a construção e empoderamento das identidades.

Segundo Gonçalves (1985) o cotidiano escolar traz bastantes revelações sobre a permanência da desigualdade entre as raças. Então, ele aborda duas vias da omissão que fortalece o racismo: “[...] a negação de valores ligados à história e a cultura de base africana e na postura de não intervenção nas agressões e/ou nos isolamentos em relação a criança (p.146). Acredita-se que nas duas ocasiões há uma falta de conhecimento. Na primeira, porque o professor nunca tenha problematizado a história “tão conhecida” do negro ou talvez, até saiba mas, para iniciar uma problematização junto com as crianças fosse preciso estudo, criatividade e desapego de metodologias e discursos do passado. O que causaria a saída da zona de conforto. A postura passiva dos professores em sala, perante episódios de intolerância racial, demonstra ignorância a respeito do reconhecimento do racismo como crime, altamente prejudicial a vítima, seja na construção da sua identidade, liberdade de ser e auto estima, como no perigo de naturalizar essas práticas.

Isto posto, podemos perceber que o racismo ainda predomina nos espaços da escola. As crianças negras, independente da esfera econômica segundo Cavalleiro (2000) sofre supressões no ambiente escolar por conta principalmente da sua cor ou fenótipo.

3. Metodologia

A investigação aconteceu numa Unidade de Educação Infantil pública de Mossoró, numa turma de Infantil um, com crianças de idades entre quatro e cinco anos.

A pesquisa é de cunho qualitativo, pois permite contanto com resultados sem privilegiar a mensuração quantitativa. É bibliográfica por contemplar um levantamento da literatura sobre o nosso objeto de estudo.

Para obtenção dos dados durante a pesquisa de campo foi mostrado individualmente bonecas que se diferenciavam apenas na cor da pele. Depois disso, foi solicitado que as crianças atribuíssem características positivas ou negativas a elas. Os sujeitos da pesquisa

foram dezessete crianças, que responderam a um grupo de seis perguntas, voltadas a descrever como as crianças percebem a figura do negro. Com esses pressupostos, a pesquisa baseou-se no “Teste da Boneca”, desenvolvido pelo psicólogo norte americano Kenneth Clark, em 1939, com o objetivo de identificar a assimilação do negro pelos negros dos Estados Unidos, frente à segregação racial das escolas.

Com o intuito de perceber as percepções das crianças de 4 e 5 anos, matriculadas no Infantil I, da Unidade de Educação Infantil pública de Mossoró, situada em bairro grande e que comporta famílias de classe média a baixa, será proposto um teste que ficou reconhecido no ano de 1939 nos Estados Unidos como o começo da luta contra a segregação racial no país.

O primeiro “Teste da Boneca” foi realizado no ano 1939 e publicado em forma de artigo científico em Nova Iorque pela Editora Leituras em Psicologia Social. Os autores são um casal de psicólogos, tornando-se mais conhecido através de Kenneth Clark. Clark junto com a sua esposa Mamie Phipps realizou esse teste em várias escolas públicas e localizadas em bairros pobres dos Estados Unidos. O teste consiste em exibir uma boneca negra e a outra branca na qual um grupo de crianças negras eram orientadas a atribuí-lhes características, tais como: bonita, feia, boa e má. Através do teste, foi constatado que 63% das crianças negras respondentes atribuíram características positivas a boneca branca. Atribuindo a ela as características boa e bonita, e a boneca negra, feia e má.

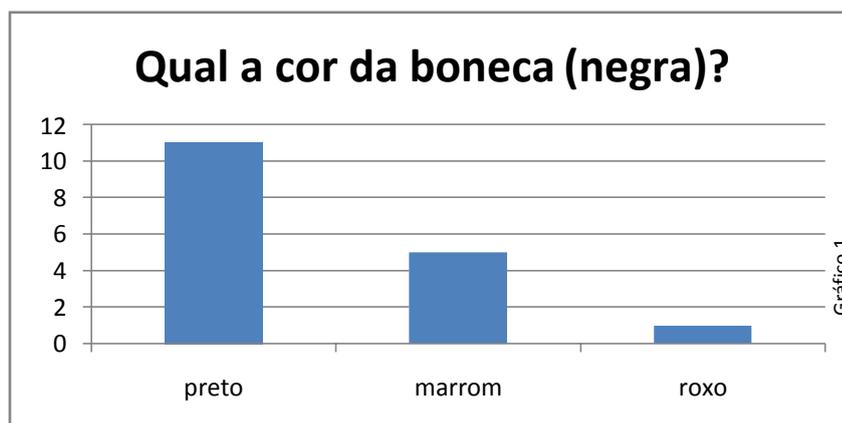
As crianças foram chamadas individualmente a responder um bloco com cinco questões pelas quais deveriam optar pela boneca branca ou preta. As questões foram: Qual a cor das bonecas? Qual das bonecas se parecem com você? Qual das bonecas é bonita? Qual das bonecas é malvada? Qual das bonecas é legal?

Esse pequeno questionário foi gravado em áudio e fotografado, na qual também havia um preenchimento de tabela confirmando o que foi gravado. As bonecas eram bebês e estavam sem roupa com o intuito de não haver influência da roupa nas escolhas. As bonecas eram iguais, mudavam apenas a cor. Então as bonecas foram expostas em cima de uma mesa, de frente para as crianças e na altura delas, na qual eram orientadas a responder as perguntas oralmente.

4. Resultados e discussão

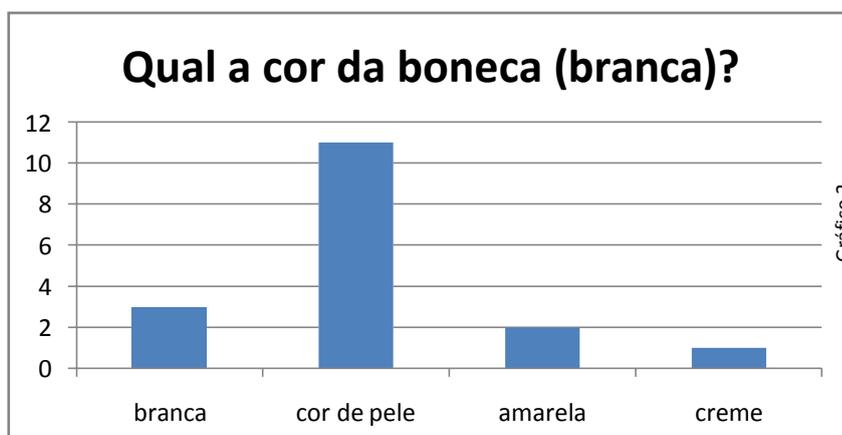
A primeira pergunta, sobre a cor das bonecas, representa como as crianças relacionam cor com a raça. Segue os resultados nos gráficos 1 e 2.

Quadro 1 – Qual a cor da boneca (negra)?



Fonte: Elaborado pelas autoras através do “Teste da boneca” de Kennet Klark

Quadro 2 – Qual a cor da boneca (branca)?



Fonte: Elaborado pelas autoras através do “Teste da boneca” de Kennet Klark

Vemos, no gráfico 1, que de 17 crianças, 11 atribuíram a cor preta, a boneca negra e apenas 5 e 1, as cores marrom e roxo respectivamente. É perceptível nesse gráfico que as crianças conhecem bem a cor negra e a representam pelo preto, que se acredita ser fruto de uma construção social, ao qual teria o mesmo valor da palavra “negra” para eles. Entretanto, vale a pena ressaltar as outras cores citadas, também observadas no gráfico 2.

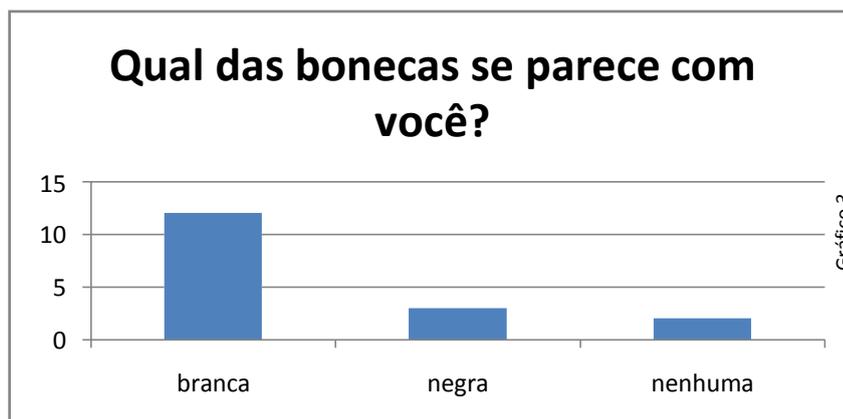
No gráfico 2, houve mais cores citadas e podemos notar que as crianças usam muito

a referencia das cores dos lápis de cores na percepção da raça/etnia. As cores que citaram foram: marrom, roxo, creme, cor de pele e amarelo. Então, enquanto professores, podemos atentar para delimitação das cores que compõe uma tabela de cores, que está presente em lápis de cores, coleções, das cores que representam a raça.

Uma das cores que chamou bastante atenção foi a “cor de pele”. Por que as crianças ainda chamam a cor salmão de cor de pele? Só existe a cor clara, para representar a variedade de peles? Essa expressão pode ser acrescida de “cor de pele branca” para dá veracidade a cor. Pois, de outra forma, retrata a cor “salmão” como a cor de todas as peles, fortalecendo ainda mais a política do branqueamento como aborda Silva (1987) e a omissão do negro.

O gráfico 3 aborda como está configurada a construção da identidade entre as crianças respondentes.

Quadro 3 – Qual das bonecas se parece com você?

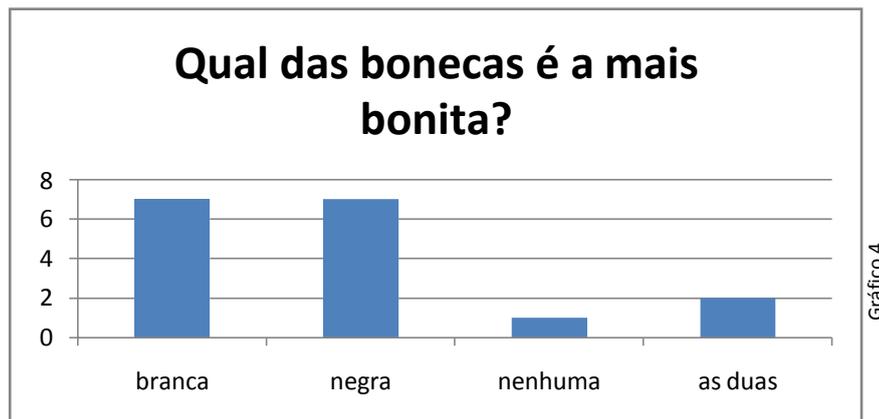


Fonte: Elaborado pelas autoras através do “Teste da boneca” de Kennet Klark

Conforme as imagens do anexo 1, só havia 3 crianças negras na sala de aula que foi escolhida para a aplicação do “testa da boneca”. De 17 crianças, 12 eram brancas e 11 se percebem assim. Entre as crianças haviam 3 negros, as quais dois responderam que eram negros e apenas um que era branco. Dessa forma, fica clara a equivalência dos respondentes sob sua construção identitária, que revela a sua eficiência no contexto de sala de aula.

O gráfico 4 traz os levantamentos da terceira pergunta: “Qual das bonecas é mais bonita”?

Quadro 4 – Qual das bonecas é a mais bonita?



Fonte: Elaborado pelas autoras através do “Teste da boneca” de Kennet Klark

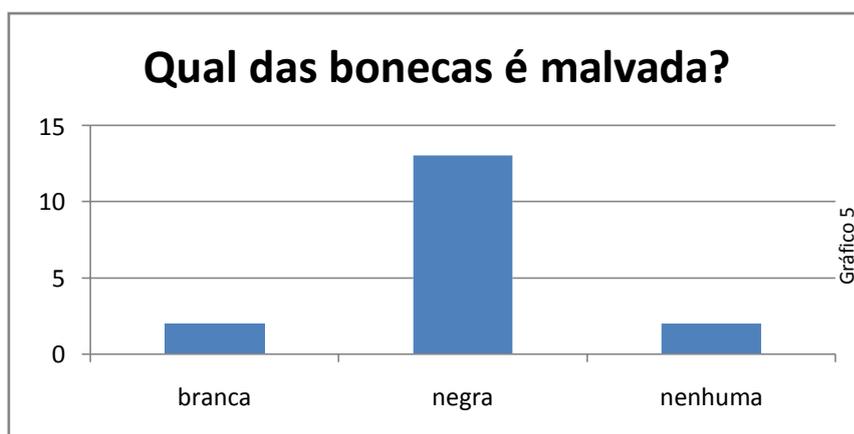
A equidade revelada entre as duas bonecas aponta para a desconstrução de parâmetros de beleza, visto que a presença do negro como esse símbolo tenha sido omissa durante muito tempo. Por isso, é importante destacar uma fala de uma criança branca, no anexo 2, admirando a cor negra. Ao ser perguntado sobre qual a boneca era mais bonita, a criança respondeu: - “A preta. A preta que nem a de Vitor. Vitor é preto”. Da mesma forma, duas crianças responderam que as duas eram bonitas, logo se entende que para essa criança as duas bonecas são iguais, sem relação de superioridade e inferioridade por conta da cor. Podemos deduzir, que essas crianças veem no negro um ideal, uma referência, como aponta Kramer (2013, p. 145) no trecho abaixo.

[...] Mas também indica a importância de ter referenciais presenciais, para que, na interação e reflexão, as crianças aprendam a valorizar a diversidade da qual fazem parte. A presença da professora Mabel, negra, como referencial de competência e de um lugar social hierarquicamente valorizado, parece levar as crianças a questionar esse lugar social hierarquicamente valorizado, parece levar as crianças a questionar esse lugar que se naturalizou como lugar de negro. A realidade do corpo profissional da escola também é uma imagem lida pelos sujeitos no dia a dia das relações (Kramer, 2013, p. 145).

Desse modo, a cultura afro-brasileira deve ser insistida, mostrada em seus diversos âmbitos, para que se consiga chegar a um ideal de qualidade na educação como também garanta a inserção e igualdade do negro nos ambientes sociais de forma emancipatória.

Em contrapartida, quando as crianças foram questionadas sobre qual a boneca seria a mais malvada, a sua maioria indicou a boneca negra, como podemos ver no gráfico 5.

Quadro 5 – Qual das bonecas é malvada?



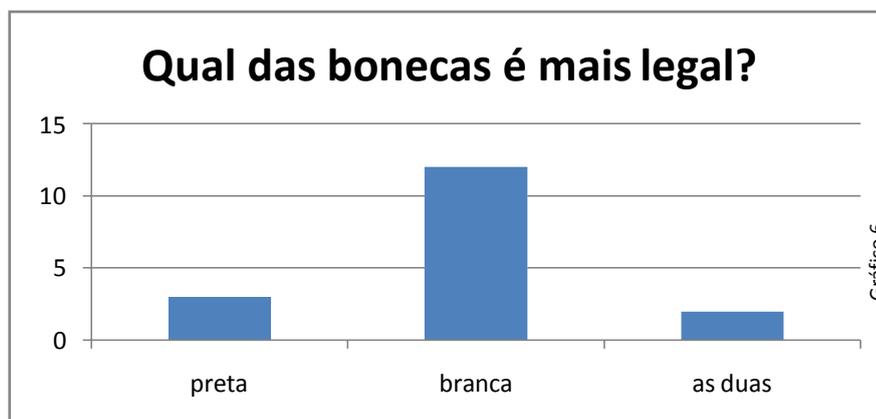
Fonte: Elaborado pelas autoras através do “Teste da boneca” de Kennet Klark

Nesse gráfico, de 17 crianças respondentes, 13 acham a boneca negra malvada contra 2 crianças que acham a boneca branca má e 2 que não acham nenhuma das duas. Esse número relacionado à boneca negra é expressivo e mais ainda as justificativas dadas pelas crianças. A criança 2, ao responder esta pergunta complementou “A preta por que ela briga”. Revelando a representação que tem do negro. A criança 3 relatou “Eu acho essa. A preta. Eu vi num vídeo na internet que essa daqui era malvada e essa aqui era boa.”. Entre os mais diversos adjetivos, foram escolhidas características negativas como teimosa e bruxa.

O gráfico 6 tem a sua representação semelhante ao anterior, mostrando uma maioria apontando a boneca branca como a mais legal. Isso acontece, pois, as crianças têm uma visão de que os negros são pessoas “ruins”. Como aponta Kramer (2013), p. 155).

Tem que ensinar para o colega que não pode fazer isso. Ninguém é melhor ou pior por ser branco ou ser preto. As pessoas são diferentes. Todas as cores são bonitas, todas as pessoas são boas ou ruins e as vezes é boa numa hora e faz coisa errada depois. Tem que ensinar, isso. Tem que perguntar se ele gostaria que as pessoas implicassem com ele. (...) E também pode trazer coisas dos negros para a gente aprender, porque todomundo acha que só precisa aprender coisas dos brancos. E o negro tem muita coisa também (KRAMER (2013), p.155).

Quadro 6 – Qual das bonecas é mais legal?



Fonte: Elaborado pelas autoras através do “Teste da boneca” de Kennet Klark

5. Conclusão

Esse estudo traz reflexões acerca da construção da identidade negra, na Educação Infantil, tendo como base as influências históricas e políticas que se fortaleceram ao longo do tempo. Com esse artigo buscamos conhecer as percepções das crianças dessa etapa de ensino sobre a identidade negra. Desse modo, foi apresentado a importância dos pais e professores para formação de conceitos e representações, através da mediação dos conhecimentos inerentes as semelhanças e virtudes da cultura negra na sociedade brasileira.

A pesquisa possibilitou ainda, refletir sobre a importância da escola na construção dessa identidade. Pode-se perceber a escola como palco de construção do conhecimento e reflexão acerca do negro, capacitando as crianças a conhecerem e valorizarem sua cultura, sendo capazes de avaliar a “cultura do branqueamento” presente na sociedade e nas mídias.

Como resultados foi possível conhecer qual a percepção das crianças sobre etnia/raça/cor. Os sujeitos da pesquisa conseguem reconhecerem-se como negros e brancos e há equidade de beleza nas duas bonecas, segundo a maioria das crianças. As características malvada e legal foram atribuídas em maior número a boneca negra e branca respectivamente. Dessa maneira, podemos inferir que em vistas da construção da identidade negra, haverá um confronto em algum momento do seu percurso. Portanto, a medida em que

ela se reconhece como negra, também concede características negativas ao negro, colaborando para desenvolver aspectos de inferioridade. Nesse aspecto, leva-se em conta a desvalorização da representação do negro em lugares de valor social, que distancia o negro de lugares hierarquicamente mais valorizados na sociedade.

Referências

KRAMER, Eloisa A. C. Rocha. **Educação infantil: enfoques em diálogo**. 3ª Ed. – Campinas, SP: Papyrus, 2013.

CAVALEIRO, E. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil**. – São Paulo: Contexto, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.